

## No entremeio dos sentidos de gênero, raça e sexualidade: a construção discursiva da masculinidade negra gay em *Madame Satã* (2002)

In the middle of the senses of gender, race and sexuality: the discursive construction of gay black masculinity in *Madame Satã* (2002)

Pedro Borges<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC  
borges2001pedro@gmail.com

Anderson Lins<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC  
alrodrigues@uesc.br

**RESUMO:** Neste artigo, buscamos compreender a intersecção dos sentidos de gênero, raça e sexualidade e seu funcionamento discursivo no processo de forja da masculinidade negra gay na obra cinematográfica *Madame Satã* (2002). Para tanto, apoiamo-nos, como suporte teórico-analítico, na Análise de Discurso de filiação materialista, tomando como premissa as ideias de Pêcheux ([1975] 2014) e Orlandi (2020), nas teorias de gênero e sexualidade, a partir das considerações de Lins (2021), Butler (2020) e Foucault ([1976] 2014) e nas reflexões de Fanon (2008) e Modesto (2018, 2021) sobre discursos racializados, atentando-nos para o caráter interseccional dos objetos de pesquisa. Como desenvolvimento desta pesquisa, analisamos que a masculinidade negra gay é forjada pela subversão dos sentidos hegemônicos de gênero e sexualidade alinhados aos de raça. Através da materialização dos sentidos de gênero e sexualidade em não conformidade com as expectativas da concepção biologizante de corpo-gênero, numa formação social branco-cêntrica, nas corporeidades de masculinidades pretas-e-gays, surgiram os gritos de autoafirmação e autodeterminação que constitui essa subjetividade.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Sentidos de gênero; Sexualidade; Raça.

**ABSTRACT:** In this article, we seek to understand the intersection of senses of gender, race and sexuality and its discursive functioning in the process of forging black gay masculinity in the cinematographic work *Madame Satã* (2002). To do this, we support ourselves, as theoretical-analytical support, in the Discourse Analysis of materialistic affiliation, taking as premise the ideas of Michel Pêcheux ([1975] 2014) and Eni Orlandi (2020), in the theories of gender and sexuality, from the considerations of Anderson Lins (2021), Judith Butler (2020) and Michel Foucault ([1976] 2014) and in the reflections of Frantz Fanon (2008) and Rogério Modesto (2018, 2021) on racialized discourses, attentive to the intersectional character of research objects. To develop this research, we analyze that black gay masculinity is forged by the subversion of the hegemonic senses of gender and sexuality aligned with those of race. Through the materialization of the meanings

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas e Língua Inglesa e suas Literaturas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Integrante do grupo de pesquisa Discurso e Tensões Raciais (CNPq/UESC).

<sup>2</sup> Professor Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e integrante do grupo de pesquisa Discurso e Tensões Raciais (CNPq/UESC). Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

of gender and sexuality in non-conformity with the expectations of the biologizing conception of body-gender, in a white-centric social formation, in the black and gay man-subjectivities, the cries of self-affirmation and self-determination that constitutes this subject arose.

**Keywords:** Discourse Analysis; Senses of gender; Sexuality; Race.

## Introdução

Os sentidos não-normativos de gênero foram alocados num lugar de marginalidade diante de uma representação hegemônica do objeto gênero que atravessa/constitui a nossa sociedade e, quando alinhados a outros sentidos que desafiam o corpo social branco-cêntrico e heteronormativo, como os sentidos dissidentes de raça e de (homo)sexualidade, o lugar ao qual é destinado é o de invisibilidade, de apagamento, de silenciamento. Nesse sentido, cientes do quão urgente é refletir e discutir sobre o que, durante muito tempo, foi silenciado, buscamos, através deste trabalho, compreender como se interseccionam e discursivizam as performatizações de gênero, expressões de sexualidade e sentidos racializantes.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, ancoramo-nos, como suporte teórico-analítico, na Análise de Discurso de filiação materialista, tomando como premissa as ideias de Pêcheux ([1975] 2014) e de Orlandi (2020), nas teorias de gênero, a partir das noções de performatividade propostas por Butler (2020) e mobilizadas por Lins (2021), bem como no escrutínio acerca dos discursos sobre a sexualidade feito por Foucault ([1976] 2014) e, ainda, nas reflexões sobre as discursividades racializantes mobilizadas por Fanon (2008) e Modesto (2018, 2021). Por considerarmos o caráter interseccional e entrecruzado dos sentidos de gênero, sexualidade e raça como constitutivos das subjetividades masculinas-gays-negras, também tomamos as ideias sobre interseccionalidade discutidas por Akotirene (2018).

Mobilizamos, para tanto, como material de análise, a produção cinematográfica *Madame Satã* (2002) por considerar que esse material-obra tematiza a interseccionalidade a partir da construção de seu personagem principal, homem negro e gay que manifesta e materializa, em seu corpo, sentidos de gênero, raça e sexualidade. Assim, os objetivos que norteiam o trabalho são: i) identificar as intersecções das discursividades de gênero, raça e sexualidade nas quais se inscreve o personagem negro e gay da obra supracitada; ii) analisar a relação de sentidos entre essas discursividades na produção fílmica selecionada; iii) compreender como o funcionamento discursivo significa as relações socio-históricas dessa produção, ao mesmo tempo em que estrutura a posição-sujeito dissidente da masculinidade negra (e) gay.

O desenvolvimento dessa pesquisa se justifica em dois projetos acadêmicos que se perfazem em um só gesto: a contribuição para a construção do estudante-pesquisador, através da reflexão das questões e saberes teóricos e sociais que vêm sendo mobilizados em seu trajeto, ao mesmo tempo em que se dá o processo de incursão e interpelação na e pela teoria e procedimentos de análise que constituem a Análise de Discurso de filiação materialista. Nessa

direção, defendemos a ciência como um lugar de tomada de posicionamento, pois, conforme pondera Lagazzi (1988, p. 51), “[...] não existe o observador, o pesquisador, o cientista neutro, descomprometido de suas crenças. Afirmar o contrário seria o mesmo que colocar o sujeito fora do alcance da ideologia”.

Assim, compreende-se o pesquisador como alguém que fala de um lugar, de um grupo social, político etc. e que, por isso, é possível determinar, da escolha do tema ao material de análise selecionado, os seus posicionamentos. Nesse sentido, o presente trabalho se justifica pela tentativa de refletir, compreender e se posicionar acerca das tensões sociais forjadas nessa relação constitutiva entre os sentidos dissidentes de gênero, raça e sexualidade. E essa é uma contribuição por demais significativa para a compreensão da espessura histórica e ideológica dos sentidos de dissidência e de marginalização social das corpo-subjetividades de homens-negros-gays.

Para dar início a essa discussão, pretendemos apresentar, de maneira breve, as premissas teóricas que sustentam a proposição desta pesquisa, como as considerações sobre gênero, as instigantes elucidações foucaultianas acerca da sexualidade e as considerações sobre racialidade. Em seguida, apresentamos o recorte metodológico utilizado para a elaboração da análise, bem como o material-obra analisado, para, depois, debruçar-nos sobre a análise das sequências discursivas selecionadas que compõem o *corpus* deste trabalho.

### **Sentidos em intersecção: gênero, sexualidade e racialidade**

Tendo como um dos objetivos do trabalho a investigação e compreensão dos sentidos de gênero, raça e sexualidade que constituem o processo de forja da posição-sujeito homem negro (e) gay no material acima referido, pensamos ser necessário, antes, refletir sobre como essa obra simbólico-discursiva tem sido mobilizada, em nossa formação social, principalmente nessa conjuntura sócio-política de recrudescimento de ideias e práticas totalitárias e hegemônicas, para, logo em seguida, explicar como os objetos gênero, raça e sexualidade serão empreendidos ao longo da pesquisa, de acordo com a proposta do trabalho.

O atual contexto sociopolítico que atravessamos, enquanto sociedade, se apresenta conservador e alinhado às ideias de uma família tradicional ou nuclear<sup>3</sup>, tem tratado demandas

---

<sup>3</sup> Entendemos, por família tradicional ou nuclear, uma família atravessada pelos sentidos de normatividade que constituem a sociedade, nesse sentido, uma família inscrita no campo da cisheteronormatividade, composta por pai (homem cis), mãe (mulher cis) e filhos, esses últimos em lugar de submissão ao pai, o macho provedor e a

sociais, de gênero, raça e sexualidade como ilegítimas, as quais existem para travar e antagonizar uma guerra ideológica contra uma suposta verdade, contra os direitos dos “cidadãos de bem”. A partir disso, convencionou-se pensar que há duas posições de embate: a ideológica e a que estaria fora da ideologia. Essa última representaria a arregimentação dos sentidos que lutam pela manutenção da hegemonia dos “verdadeiros valores cristãos”, “pela perpetuação da família”, “do amor à pátria”. Já na primeira, estariam situados a comunidade LGBTQIAP+<sup>4</sup>, as feministas e demais sujeitos que manifestam divergências em relação ao modelo branco-cêntrico e cis-heteronormativo.

O agenciamento desses signos como vilões da moral se revela equivocado na medida em que não representa seus reais funcionamentos, pois, já de saída, ideologia não é um lugar sobre o qual se escolhe ocupar, ao contrário, é o que constitui, necessariamente, os sujeitos e os sentidos (ORLANDI, 2020). Assim, atribuir sobre/para o outro o caráter ideológico e se afirmar diferente, *desideologizado*, como os “cidadãos de bem” o fazem, além de ser incompatível com o funcionamento da ideologia, revela seu efeito próprio, afinal, “situar ideologia e pragmatismo/verdade como um par sintagmático oposicional ou, ainda, dizer que algo está fora da ideologia, consiste em uma maneira de, ideologicamente, (tentar) apagá-la” (LINS, 2021, p. 22). Portanto, dizer-se fora da ideologia é nada mais que o resultado da própria ideologia, que faz operar um discurso de despolitização.

Outra ilusão que pretendemos demonstrar, nesse trabalho, diz respeito à maneira como esses sujeitos reacionários negligenciam o caráter visceralmente relacional e constitutivo entre os sentidos de gênero, raça e sexualidade. Vamos desenvolver um pouco mais: em nossa formação social, o gênero é percebido como essencialista, biologicista, como se o gênero nascesse junto ao indivíduo. De acordo com essa concepção, possuir uma determinada anatomia genital designaria o gênero do sujeito. Se possuidor de vagina, *logo* aquela corporeidade seria de mulher. Se possuidor de pênis, *logo* estaríamos diante de uma corporeidade masculina.

Essa, entretanto, não é a concepção de gênero na qual nos apoiamos. Inscrevemo-nos num campo teórico que pensa o gênero como instância ideológica que constitui os sujeitos, a partir dos gestos performativos que materializam e marcam uma corporalidade como sujeitos de gênero. Então, como aponta Lins (2021, p. 82), em sua leitura sobre a teoria butleriana, “o

---

figura máxima da família. E, para tanto, ancoramo-nos em Foucault ([1976] 2014), que, em nossa leitura, aponta a família como um agente dos dispositivos de aliança e sexualidade, forjada pelo ideário burguês de família, funcionando para auxiliar a reprodução e manutenção de riquezas, legitimando e/ou proibindo expressões de sexualidade, identidades de gênero e, fundada, ainda, a partir de racismos.

<sup>4</sup> Sigla que diz respeito às pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, e outras diversas possibilidades de performatizar e se expressar como sujeitos de sexualidades e de gêneros diversos.

corpo é o tecido do gênero ou, dito de outro modo, a modalidade de existência histórico-material do gênero”. Não seria o gênero, nesse sentido, o resultado de uma genitália que há no corpo físico, mas o resultado de um processo de subjetivação e assujeitamento que (se) inscreve (n)o corpo em um campo simbólico-discursivo.

Outra confusão concebida junto à concepção biologizante de gênero é a sua (não necessária) relação com o corpo e com o desejo. Nesse sentido, a interpretação genitalista do gênero estaria posta de acordo com o que (quem) se deve desejar. Isto é, se, no corpo, houver uma vagina, logo mulher e, portanto, sentiria desejo (atração) pelo genital entendido como oposto, o pênis, nesse caso, o homem. Assim, também, em sentido inverso, se, no corpo, houver pênis, logo homem e, por isso, atraído pelo genital entendido como oposto, a vagina, nesse caso, a mulher.

Essa relação cria um laço de sentidos de gênero e sexualidade que aponta a heterossexualidade como a existência sexual ideal, natural, para corpos-genitais considerados masculinos e femininos. Os opostos devem se desejar tal como os sentidos dominantes de gênero e sexualidade em nossa sociedade esperam fazê-lo. A esse respeito, Foucault ([1976] 2014, p. 112) nos ensina que a sexualidade é “utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias”, assim, a sexualidade como instrumento de coerção e agenciamento da manutenção e do estímulo de uma política sexual que reduz o sexo à reprodução e, portanto, à heterossexualidade (compulsória). Sendo assim, tem-se desenhado o ideal social, o gênero corpo-biologizante alinhado à sua função reprodutiva e heterossexualizante, estando à margem todo aquele que se apresenta desviante dessa norma, deixados aos lugares de discriminação, silenciamento e, ainda, de apontamentos sobre quem/como deveriam ser, se (com)portar em sociedade.

A essas matrizes normativas dos sentidos de gênero e sexualidade, cabe refletir sobre o que seria masculinidade e feminilidade. O que significa *ser* homem ou *ser* mulher. Em outras palavras, como significaria existir segundo uma série de expectativas sociais de desempenho normativo em relação aos sentidos de gênero. Sobre tal reflexão, há de se pontuar:

[...] compreendo a performatização como um desdobramento, um efeito da interpelação-identificação dos sujeitos com os sentidos de gênero. Compreensão decisiva aos interesses dessa pesquisa, uma vez que situa o objeto gênero não como causa, mas como efeito, um fazer ao invés de um modo de ser. Estou querendo dizer, com isso, que não existe uma “essência” feminina ou masculina: só por meio da performatização, da repetição insistente dos sentidos de gênero, que os corpos-sujeitos vão funcionando no/pelo gênero, ou seja, as práticas nos constituem de tal modo que elas instauram “a realidade do gênero”. É (des/re)fazendo gênero que vamos (nos) tornando corpo-subjetividades gendradas. Portanto, é preciso, segundo

essa perspectiva teórica, pôr em funcionamento o gênero, ou seja, funcionar corpóreo-subjetivamente como tal, entre mulheridades e homenzidades (LINS, 2021, p. 41).

Ao contrário de como é pensado na concepção corpo-genital, masculinidade, feminilidade ou performatividade de gênero não é algo essencial, “natural”, não diz respeito à genitália, mas a um conjunto insistente de práticas que marcam a corpo-subjetividade pelos/nos sentidos de gênero. Ou seja, a masculinidade e a feminilidade não consistem, necessariamente, em ter pênis, barba, vagina ou seios, mas em funcionar social e discursivamente, enquanto uma corpo-subjetividade, a partir de ou com gestos performativos que possibilitem o autorreconhecimento e a autodeterminação como uma corporeidade que performatiza sentidos de/entre masculinidades e feminilidades. A esse respeito, como bem discute Butler (2020, p. 242), “a ação do gênero requer uma performance repetida” ou, ainda, “o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos”.

No entanto, não há um conjunto de práticas universais e homogêneas que determinem essas expressões. Elas são diversas, são heterogêneas. Há maneiras de *ser* ou *performatizações* que são prestigiadas, enquanto outras foram colocadas num lugar de marginalização. Optamos por chamá-las de masculinidade/feminilidade hegemônica e masculinidades/feminilidades subalternas. A masculinidade/feminilidade hegemônica consiste no conjunto de práticas que operam, via de regra, em sujeitos inscritos em posições sociais de prestígio. Encenam o gênero de acordo com os gestos esperados para os seus corpos genitalizados, além de serem atravessados por privilégios, dentre eles o privilégio racial e o de classe.

As masculinidades/feminilidades subalternas são as que subvertem ou desviam desses sentidos normativos de expressão de gênero. São as performatizações nas quais estão interseccionados sentidos de sexualidades dissidentes, racializantes e de classe. Expressões que são desvalorizadas ou subalternizadas pela hegemonia dos sentidos de gênero. Pensar nessas manifestações de gênero em não conformidade com a normatividade nos aproxima da reflexão sobre interseccionalidade, pois

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Assim, o indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia nunca é interpelado em apenas uma janela de subjetividade, mas convocado a se colocar no mundo a partir de diversos entrecruzamentos sociais que o atravessam, de inúmeros processos de identificação que o constituem. Nunca se é apenas um sujeito de gênero, mas um sujeito de gênero, de raça, de sexualidade e diversas outras esquinas de identificação. Nesse sentido, é impossível ignorar as intersecções que comparecem na forja das masculinidades e feminilidades constitutivas da existência histórica e material das corpo-subjetividades femininas e masculinas.

### **A discursividade da sexualidade e o marcador social de raça**

Esse atual contexto sócio-político, sobre o qual discorremos anteriormente, além de engendrar exercícios e estratégias políticas de negligenciamento das questões de gênero, escanteia ou, melhor dizendo, faz contínuas e severas tentativas de silenciar as questões relacionadas às identificações dos sujeitos que se constituem nos sentidos dissidentes de gênero, raça e (homo)sexualidade, ou seja, sujeitos que não estão inscritos em grupos sociais de prestígio, que não correspondem ao ideário social da hegemonia cisgênera, masculina e branco-cêntrica.

Fala-se sobejamente nos supostos perigos que a discussão sobre (homo)sexualidades oferece à família, às crianças, como, por exemplo, falar e refletir sobre *ser gay* poderia conduzir a destruição da família (tradicional), uma vez que desta estaria retirada a possibilidade de reprodução e, desse modo, de manutenção ideal dos *dispositivos de aliança e sexualidade* (FOUCAULT, [1976] 2014), sobre os quais estão compreendidos, respectivamente, aliança matrimonial (entre homem e mulher cisgêneros), reprodução da família e manutenção de riquezas e, ainda, a matriz histórico-discursiva que agencia prazeres, sensações e assume, sobre determinados corpos, controle e poder. A esse suposto perigo, a essa suposta guerra travada entre sexualidades dissidentes e a família tradicional, instalou-se medo e repúdio ao que entendem como agenda gay:

[...] dentre as ações catalisadas pela agenda gay, [estariam] a naturalização de práticas sexuais com crianças (pedofilia), entre crianças (hiper sexualização da infância), o incentivo ao sexo bestial, a práticas satanistas, como também haveria estímulos vindos, sobretudo, da escola, para que meninos e meninas troquem/mudem de sexo (LINS, 2021, p. 17. Acrescentamos).



Essa suposta agenda gay é o resultado de uma preocupação que não surgiu agora, mas que está presente em toda a história da sexualidade no Ocidente. Na medida em que se percebia algum corpo desviante do modelo cis-heteronormativo de família, os discursos políticos de controle social eram elaborados para tratar essa interferência, entrando em ação, “pelo bem da família”, pastores, padres, psiquiatras, pedagogos, posições institucionais que funcionavam como agentes de regulação, coerção e ordenação social que estruturam e operam (em) relações políticas, econômicas e sociais. A ficcionalização desses perigos não representa uma novidade, ela é, na verdade, um efeito da política de normalização em funcionamento: controlando, ordenando, selecionando o que (não) se deve falar, acantonando uns e centralizando outros.

Nessa direção, arriscamos dizer que a atuação incisiva dos discursos normativos não incide, necessariamente, nas expressões de sexualidade dos sujeitos que constituem todo o corpo social, mas nos impactos que expressões dissidentes podem causar na hegemonia histórica e política dessa matriz normativa de sentidos, havendo, portanto, a necessidade de controlar, cercear, proibir os desejos. Vamos desenvolver: o repúdio, como prática sistemática (legitimada e apoiada em instituições sociais), à homossexualidade não antecede as políticas de aliança e sexualidade, mas é fruto destas. É para não perderem força que surgem, por e para esse sistema, discursos sobre sexualidades.

Sobre os discursos de aliança e sexualidade cabe, ainda, tentar compreender suas relações com os marcadores sociais de raça e classe. Esses discursos foram forjados por e para um grupo de pessoas privilegiadas, inscritas em posições sociais de prestígio. Esses discursos atuaram na instituição de um modelo específico de família, legitimaram determinados tipos de relações e ignoraram outros:

[...] à criança onanista que tanto preocupou médicos e educadores, desde o fim do século XVIII até o fim do século XIX, não era o filho do povo, o futuro operário, a quem deveria ensinar as disciplinas do corpo; era o colegial, a criança cercada de serviços, de preceptores e de governantes, e que corria o risco de comprometer menos uma força física do que capacidades intelectuais, que tinham o dever moral e a obrigação de conservar, para sua família e sua classe, uma descendência sadia (FOUCAULT, [1976] 2014, p.132).

Originalmente, não foi para tratar da sexualidade da classe operária que surgiu o disciplinamento e as interdições da sexualidade, mas para ordenar as relações de uma classe privilegiada, com vistas a manter e perpetuar as riquezas, o *status* da família. Havia, então, um sistema que selecionava e autorizava expressões de sexualidade, como a heterossexualidade,

enquanto proibia ou criminalizava outras, assim também, autorizava e legitimava uma identidade racial em detrimento de outras.

A fim de demonstrar um pouco mais sobre o caráter racial das discursividades de aliança e de sexualidade e do agente família, há de se pontuar que a burguesia quando fez do seu corpo um lugar onde materializa a sexualidade, força que constitui as relações sociais, preocupou-se em manifestar regras de homogeneidade social. Havia, nesse momento, uma alta valorização do corpo que se relacionava com um racismo, o qual Foucault ([1976] 2014, p. 137) chamou de “racismo dinâmico”, “racismo de expansão”, “ordenado em função de fins essencialmente conservadores”. Eis a família canônica: cis, branca, burguesa e heterossexual. Regida pelos sentidos de normatividade que ainda constituem nossa formação social. É a relação entre os sentidos dominantes (e discriminatórios) de gênero, raça e sexualidade.

Os discursos supracitados, como instâncias de sentidos que constituem nossa sociedade, que regem e determinam as relações em quaisquer esferas sociais, têm seus resultados (e ainda atuam) na contemporaneidade. Fazemos parte de uma conjuntura sociopolítica que negligencia os sentidos dissidentes de gênero e sexualidade e, levando em consideração as condições de formulação racializadas dessas discursividades, há negligência também, ou talvez, um intencional agenciamento incompatível com o signo *raça*. Estamos diante de uma política hegemônica de sentidos que estimula racismos, sataniza religiões de matrizes africanas, animaliza corpos negros e que subjuga o intelecto de pessoas negras.

Tal política não negligencia *raça* por equívocos ou falta de informação, mas por ser um agente constitutivo do controle social racista e, para além da ordenação social, como aponta Modesto (2021, p. 7), em sua leitura sobre as formulações de Abdias do Nascimento (1978), há um projeto de genocídio da população negra.

Em sua compreensão, é possível dizer que é assim que o Brasil funciona: enquanto se propaga a ideia de que “somos todos misturados” e, mais do que isso, que vivemos em um país em que há uma “democracia racial”; ao mesmo tempo, vive-se em uma sociedade pautada por políticas genocidas de extermínios dos elementos sociais e culturais “descartáveis”. Essa é a prática em cima da qual se dá a colonialidade brasileira. O genocídio não é da ordem da contingência, mas um projeto planejado em curso em “nossa” sociedade (MODESTO, 2021, p. 7).

Assim, há de se pontuar que, se os sentidos histórico-políticos de controle social determinam e operam (n)as subjetividades de/entre sujeitos, e dizem respeito, também, sobre a norma de desenvolvimento sexual da infância à velhice (FOUCAULT, [1976] 2014, p. 40), não

seria inadequado dizer que, considerando o modelo burguês cisgênero, branco e heterocentrado<sup>5</sup> de família e o privilégio dessas esquinas de identificação em detrimento de outras existências, de outras expressões de vida, de sexualidade, gênero e raça, que, de fato, essas discursividades hegemônicas, que operam e se articulam pelo e no entrecruzamento de gênero, raça e sexualidade, determinam, também, quem (não) merece viver.

### **Madame Satã: o processo de forja da masculinidade-negra-gay**

Tendo feito essas primeiras observações acerca dos sentidos dominantes imbricados de/entre gênero, raça e sexualidade, que constituem a nossa formação social, pensamos ser necessário, para melhor reflexão dessas discursividades e compreensão do processo de forja da posição-sujeito homem negro (e) gay, mobilizar nosso material de análise: a produção fílmica *Madame Satã* (2002).

Em um primeiro momento, buscamos refletir, a partir do constructo teórico-analítico da Análise de Discurso de filiação materialista (AD) e das premissas teóricas anteriormente mencionadas, como a personagem Madame Satã, interpretada pelo ator brasileiro Lázaro Ramos, materializa intersecções de/entre gênero, sexualidade e raça abordadas no material-obra. Buscamos investigar, a partir da análise de alguns recortes discursivos, como é (re)produzido um dizer sobre *ser* homem, negro e gay e como essa relação constitutiva da personagem comparece na obra. Em outros termos, quais são os sentidos de gênero, raça e sexualidade que atravessam/constituem e forjam, portanto, a identificação dessa personagem?

Na esteira dessas reflexões, questionamos: quais formações ideológicas e discursivas (PÊCHEUX, [1975] 2014) circulam nessa inscrição, fazendo funcionar uma dada subjetivação pela/na significação de gênero, raça e sexualidade? Em suma, que trajetos simbólicos são traçados para emergir o reconhecimento e a afirmação como sujeito de gênero, raça e sexualidade e como esses sentidos se interrelacionam, se entrecruzam para forjar a posição-sujeito de uma masculinidade negra (e) gay?

De antemão, a partir de prévias leituras e investigações à análise, consideramos, como um potencial guia, o questionamento sobre “*ser*” que comparece no material simbólico-

---

<sup>5</sup> Entendemos, como *cisbrancoheterocentrado*, qualquer relação que esteja limitada aos sentidos normativos de gênero, raça e sexualidade, mas nesse caso em especial, uma família localizada nos sentidos normativos das esquinas de identificação que dizem respeito aos sentidos de gênero, raça e sexualidade. É uma família que privilegia e materializa, da sua construção às práticas individuais dos integrantes, esses sentidos de normatividade anteriormente mencionados.

discursivo. “Quem você é?” é um questionamento que, em embate, parece estruturar o percurso para a autorreflexão da personagem, interrogando a masculinidade negra e gay: o que é *ser* homem? O que é *ser* negro? O que é *ser* gay? Há maneiras de *ser* mais adequadas que outras? São essas algumas das questões sobrepostas pela dúvida de si e do outro que constituem os recortes discursivos a serem analisados.

Lançada em 2002, a produção cinematográfica brasileira dirigida por Karim Aïnouz nos apresenta uma versão da vida de João Francisco dos Santos, comumente conhecido como Madame Satã, homem negro, gay e transformista<sup>6</sup>, figura importante e representativa para as questões de gênero, raça e sexualidade na história do Rio de Janeiro e, também, no Brasil. Sua passagem no mundo borrou os sentidos hegemônicos de gênero, raça e sexualidade que constituem nossa sociedade. Transformando-se em uma figura de resistência, inscrevendo o próprio corpo num campo de luta política e social, apresentando àqueles que o conhecem (e/ou conheceram) alguns dos significados sobre existir e resistir que envolvem a vida de pessoas desviantes da normatividade, Madame Satã fez história.

Por considerar que a obra tematiza a intersecção das discursividades de gênero, raça e sexualidade, faremos recortes de algumas sequências discursivas com o objetivo de investigar a recorrência dessas discursividades. E antes de apresentá-las, pensamos como necessário situar, primeiro, algumas de suas condições de produção. Madame Satã, homem que se identifica e reivindica a subjetividade enquanto negro, gay e transformista, ao finalizar seu espetáculo no Danúbio Azul como a “Mulata do Balacochê”, personagem que, para ser apresentada, encenada, era necessário evocar e inscrever, no corpo, sentidos de feminilidade, os quais eram marcados por acessórios associados ao feminino, como maquiagem e vestimentas, começou a dançar com Armando, dono do bar, quando foi surpreendido pelas palmas e palavras de José, cliente do Danúbio:

---

<sup>6</sup> Para a descrição de Madame Satã com esses adjetivos, utilizamos a entrevista por ele concedida para o jornal O Pasquim, em 1971. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=124745&pagfis=2573>. Acesso em: 15 jan. 2023.

Imagem<sup>7</sup> 1 - O início



Fonte: Filme *Madame Satã* (2002).

(01:24:43 a 01:24:50)

SD 1: *pode continuar com a maricagem, faz de conta que eu não tô aqui.*

A locução verbal inicia um embate entre duas posições de poder elaboradas a partir da permissão. A utilização do verbo auxiliar para autorizar uma ação marca os lugares de autoridade (quem permite) e submissão (quem – e o que – é permitido). A autorização, concedida pela posição de onde José enuncia, é atravessada por um efeito de insulto e demarcação de dois espaços distintos e opostos que se seguem na sequência discursiva. A *maricagem*, “que é permitida”, aponta para sentidos possíveis, os quais dizem respeito não só a uma prática como também aos sujeitos da *maricagem*. Ao considerarmos as ações das personagens na cena recortada para análise, torna-se indispensável lembrar que Madame Satã estava dançando e cantando com outro homem. Desse modo, a *maricagem*, a qual é referida na SD 1, pode tratar-se tanto apenas da interação entre duas pessoas do mesmo gênero quanto, também, da identidade do sujeito da interação.

Para melhor compreensão, avancemos para a oração seguinte, quando o “faz de conta que eu não tô aqui” apresenta uma condição para a autorização, gerando um efeito de sentido de incompatibilidade, de oposição. Para a *maricagem* ser praticada, a presença de José deve ser ignorada, pois o lugar do qual José enuncia não é o de *marica*. O fingimento da ausência de José como condição para a realização dessa prática indica uma possível intolerância a ela por parte de quem se pretende ignorado. Assim, iniciou-se um embate entre sentidos marginalizados

<sup>7</sup> Não iremos analisar as imagens. Resolvemos disponibilizá-las a fim de melhor explicar as cenas de onde as sequências discursivas foram extraídas.

e sentidos normativos materializados por duas posições-sujeito, sendo a intolerância parte constitutiva no processo de forja da posição-sujeito da SD1.

Em seguida, Amador informa o encerramento das atividades do dia, mas, ainda assim, José continua:

(01:24:56 a 01:25:00)

SD 2: *vocês estão querendo que eu vá embora para continuar com essa sujeira, não é?*

A etiqueta da sujeira atribuída ao contato, seja ele de qualquer natureza, entre dois homens, mobiliza os sentidos discriminatórios mencionados ao longo do trabalho. Nessa SD, segue-se a abordagem *anti-maricagem* da SD1, a qual está representada por *essa sujeira*, considerando “essa” um pronome anafórico que retoma e reformula a *maricagem* na ordem da moral higienizada. Impossível desconsiderar o fato de que essa etiqueta é atribuída a um homem negro e, a esse respeito, Fanon (2008, p.160) escreveu:

Na Europa, o Mal é representado pelo negro. [...] O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral. Ficaríamos surpresos se nos déssemos ao trabalho de reunir um grande número de expressões que fazem do negro o pecado. Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. (FANON, 2008, p. 160)

É possível pensar a formulação de Fanon em relação à formação social brasileira, enraizada na colonização portuguesa e marcada pela escravidão de pessoas negras, resultando na constituição de uma branquitude racista com delírios de autoridade e dominação, partes constitutivas, também, da posição de onde, além de nomear como *sujeira*, proíbe-se a ação de proximidade e amizade entre dois homens, sendo um deles homem negro gay transformista.

A etiqueta da sujeira é sustentada por uma concepção de limpeza atravessada pelo racismo que iguala e coloca em oposição os signos limpo e branco *vs.* sujo e preto. Se há relações que representam a sujeira, há também, em contraponto, relações entendidas como adequadas, como imaculadas, como higiênicas, estas sendo pensadas de maneira essencializante, como próprias das relações forjadas pelos sentidos hegemônicos de gênero, raça e sexualidade.

Após a tentativa de Satã de explicar a José que seu espetáculo já havia acabado e que, por esse motivo, ele precisava de descanso, José continua:

(01:25:08 a 01:25:09)

SD 3: *tu tá fantasiado de homem ou de mulher?*

Essa enunciação interroga a expressão de gênero da personagem principal. Como dito anteriormente, o espetáculo feito por Madame Satã tangencia sentidos de feminilidade, os quais se marcavam e se inscreviam na e esculpiam a superfície de seu corpo por meio de atitudes, gestos, dos acessórios utilizados, como maquiagem e vestes, e José, ao se deparar com a expressão artística de Satã, confundiu-se. Madame borrou o imaginário de gênero estruturado pelo essencialismo cis-heteronormativo. Podia ser homem, mas também podia materializar sentidos de feminilidade. Podia ser homem, mas também expressava, em arte, sentidos de mulheridades. Há, em embate, as expressões de gênero e a concepção gênero-biologizante. Confrontado pela evidência da anatomia que associa à masculinidade, surgiu o estranhamento acerca da expressão de feminilidade de Madame Satã. Elaboramos, para melhor ilustrar essa situação, algumas interrogações que contemplam a sequência discursiva:

- *Se ele tem esse corpo, por que se apresentou como mulher?*
- *Se ele tem esse corpo de homem, por que está usando acessórios de mulher?*
- *Se ele é um homem, como pode 'fingir ser' uma mulher?*

O estranhamento estruturado pela concepção gênero-biologizante sobre a expressão artística de Satã pode ser questionado de acordo com a reflexão de Butler (2020, p. 237), “ao imitar o gênero, a drag<sup>8</sup> revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero — assim como sua contingência.” Como abordado antes, o gênero não é biológico ou essencialista, não é designado pela anatomia, pelo genital, mas por um conjunto de práticas performativas que marcam o gênero em uma corpo-subjetividade.

Essa estrutura imitativa do gênero diz respeito ao fato de que o gênero não existe por ele mesmo, em si mesmo, em essência, não existe um gênero original sobre o qual se inspira ou imita, mas que o gênero é a própria prática imitativa (convencionada) dos significados sociais de gênero. A expressão artística é, então, a imitação da imitação, ou, melhor, a imitação do gênero pelo seu mito de originalidade (BUTLER, 2020, p. 238). Esse questionamento representa, ainda, um convite a Madame Satã à dúvida de si. “Tu tá fantasiado de homem ou de mulher?”, ou, dito de outro modo, “quem você é?”, serve à narrativa como elemento que estrutura a proclamação da identidade da personagem principal.

---

<sup>8</sup>Expressão artística em que homens costumam performar sentidos de feminilidades.

Imagem 2 - Dos insultos



Fonte: Filme *Madame Satã* (2002).

(01:25:17 a 01:25:35)

SD 4: *vamo, fala, fala... viado! Beiçola de merda!*

*Então como é que é? Ou vai falar comigo ou vai ficar calado?*

O uso de “viado” antecipa uma interpretação em torno da sexualidade do sujeito a quem se destinam as ofensas proferidas a partir de sua expressão de gênero, que é associada, de maneira arbitrária, à homossexualidade, colocando em cena, além do questionamento de gênero, a violência, através do grito e da ofensa, à subjetividade gay. A esse respeito, Pêcheux (2014, p.146) pondera: “é a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário [...] evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’”.

Dessa maneira, é a ideologia que fornece a evidência pela qual José disse/nomeou Madame Satã como um homem gay (um viado). Explicamos: a concepção de gênero como propriedade inata dos indivíduos sobre a qual a nossa formação social é estruturada faz uma relação arbitrária entre corpo e desejo. A arregimentação desses sentidos hegemônicos de gênero e sexualidade concebe a oposição entre masculino e feminino na medida em que estes são considerados expressões ou resultados de ser macho e fêmea, e é nessa oposição que articulam o desejo: o masculino deve desejar o feminino assim como o feminino deve desejar o masculino.

Nesse sentido, sendo Madame Satã um sujeito que rasura esses sentidos normativos e inscreve em seu corpo sentidos de feminilidade, logo assumiu-se sobre ele que, por expressar esses sentidos, desejava corporeidades masculinas. Além da pejoratividade de “viado”, José usa, como ofensa, características físicas de Madame Satã. Ele usa o corpo negro, os lábios de



Madame Satã, como recurso de insulto. “Beiçola de merda” horizontaliza, assim, a costura entre os sentidos hegemônicos de gênero, raça e sexualidade que são manejados para agredir, para ofender. Madame Satã, homem negro gay, tem sua identidade, sua história comparada à sujeira. José, que diz a partir de uma posição-sujeito branco-centrada e cis-heteronormativa, faz essas comparações e associações. Após a convocação, Madame Satã reage:

Imagem 3 - Satã questiona



Fonte: Filme *Madame Satã* (2002).

(01:25:38 a 01:25:39)

SD 5: *por que é que o senhor está fazendo isso comigo?*

O pronome anafórico “isso” nessa SD funciona como um elemento que marca um antes na memória, como pontua Modesto (2018a, p.147), “a função anafórica do pronome dêitico não retoma um antes do texto, mas um antes da e na memória”. Madame Satã é um homem negro gay, sujeito inscrito num lugar social de marginalização, um corpo que desvia das construções normativas da nossa formação social, integrante de uma coletividade que, na história, tem estado sempre em embate com a normatividade e seus agentes. Nesse sentido, o “isso” no enunciado não retoma os ditos das sequências anteriores, mas exprime, através da formulação anafórica, uma memória coletiva na qual Madame Satã está inscrito. “Isso” diz respeito a esse embate marcado na história. Embate que está sendo performado, na enunciação, entre as posições-sujeito homem negro gay e homem branco cis-heterossexual.

Para responder ao questionamento de Satã, José se aproxima e pega seu braço:

Imagem 4 - A interpretação equívoca



Fonte: Filme *Madame Satã* (2002).

(01:25:40 a 01:25:51)

SD 6: *por que que tu acha? Tu gosta quando pego no teu braço, não é? Bumbum de merda!*

A retórica coloca a motivação no plano da evidência, apontando como uma obviedade o problema que perdura na história, problema retomado na enunciação. Estão diante de uma luta histórico-política sobre existências. O sujeito ideal, o sujeito que corresponde e atende às expectativas de gênero e sexualidade pelo/no seu corpo, o sujeito autorizado pelos discursos de aliança e sexualidade, e o sujeito acantonado, o sujeito que representa a interferência nessas máquinas políticas de ordenamento social. Além disso, de maneira equivocada, sua homossexualidade é interpretada como um convite para que seja tocado. Como a dizer que, em razão de seu desejo dissidente (gay), há um indicativo de maior propulsão sexual, a ponto de transformar o sujeito numa pessoa disponível a qualquer outra, a qualquer finalidade, sempre disponível. Enquanto segurava em seu braço, destinava a Satã, mais uma vez, a etiqueta de sujo, do poluto: “bumbum de merda”.

Percebendo a hostilidade com a qual estava sendo tratado, Madame Satã sugere que José não falasse com ele dessa maneira, mas José se aproxima, passa a mão no rosto maquiado de Satã e continua com as ofensas:

Imagem 5 - Merda e meretriz



Fonte: Filme *Madame Satã* (2002).

(01:25:53 a 01:26:00)

SD 7: *Olha só para isso! Tem mais merda que qualquer meretriz daqui da Lapa.*

A enunciação horizontaliza um recurso imagético da cena na qual Madame Satã ainda possui maquiagem no rosto. Mas não é, entretanto, tão-somente sobre a maquiagem que José está falando, chamando de “merda”, e sim do que e como, no corpo, no rosto de Satã, ela representa as rasuras nessa normatividade de gênero que confrontam a normalização dos sentidos com os quais se identifica José. Cabe, ainda, destacar a comparação feita entre Satã e meretriz. Para José, a meretriz é uma classe inferior passível de ser usada como elemento de comparação ao que considera ruim, sujo, perverso.

Com essa série de ofensas, Madame Satã finalmente responde à altura, chamando José de “almofadinha de bosta”, pedindo a ele que fosse cuidar da própria vida. Mas ainda assim, José continua:

Imagem 6 - A valentia



Fonte: Filme *Madame Satã* (2002)

(01:26:02 a 01:26:05)

SD 8: *eu não disse que ele era valente?!*

A entonação como se estivesse arrancando uma confissão de Satã retoma as posições de poder elaboradas desde o início do embate. Essa sequência apresenta algo interessante que é a afirmação de ter dito que ele, Madame Satã, era valente, embora essa fala não seja mencionada em momento nenhum no material recortado. Além disso, é possível pensar numa contradição entre a característica atribuída agora para a característica atribuída na SD1, pois *maricagem* e *valente* são signos opostos.

Essa enunciação parte de uma concepção problemática sobre racialidade que atribui ao homem negro características relacionadas ao que é ruim. Fanon (2008, p. 160) explica que “na Europa, o Mal é representado pelo negro”, e, ainda, “na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade”. Nesse sentido, os discursos mobilizados no embate entre essas posições-sujeito indicam seu próprio caráter racial. José provocou Madame Satã e quando ele finalmente resolveu responder, devolvendo ofensas, José, homem branco, assumiu sobre Madame Satã, homem negro, o caráter de valentia. E depois de mais essa ofensa, Satã devolve chamando-o de “cururu qualquer cheio de barro vermelho”, o que nos leva aos gritos marcados nas próximas sequências discursivas:

### Imagem 7 - O grito



Fonte: Filme *Madame Satã* (2002)

(01:26:07 a 01:26:13)

SD 9: *Viado! (José)*

SD 10: *Eu sou bicha porque eu quero! E não deixo de ser homem por causa disso, não! (Madame Satã)*

Optamos por alocar essas duas sequências juntas porque elas representam algo muito interessante na língua: o caráter polissêmico das palavras. Essas duas sequências apresentam a ressignificação da pejoratividade do termo “viado”, que, num primeiro momento, havia sido usado como ofensa, constituído por pejoratividade, e no outro, a pejoratividade de “viado” passa a significar resistência, com o uso da palavra “bicha”, que funciona como autorreconhecimento e autoinscrição num lugar de luta pela significação de homossexualidades. A maneira como “viado” ou “bicha” são significadas nessas sequências depende da posição ideológica na qual os enunciadores estão inscritos, uma vez que

[...] as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais as pessoas se inscrevem (PÊCHEUX, 2014, p. 146-147).

Assim, o sentido de pejoratividade em “viado” desliza para o de resistência a partir das formações discursivas mobilizadas na enunciação. José, que enuncia de uma posição-sujeito constituída por sentidos conservadores e retrógrados, pertencente a um grupo inscrito num lugar social de prestígio, que toma como primazia as demandas daqueles que representam a existência política ideal, cuja relação de entremeio se dá entre branquitudes, subjetividades cis e heterossexualidades, significa “viado” como ofensa – termo que representa as ofensas

comumente usadas contra gays. Em contraponto, Madame Satã, inscrito num grupo social estigmatizado, que tem entremeado em sua subjetividade os sentidos marginalizados de gênero, raça e sexualidade, identificado a sentidos que tomam a luta contra essas opressões e a reivindicação da legitimidade de suas existências como princípio, não aceita, mas confronta a pejoratividade desses termos e os ressignifica como ferramentas de resistência.

Outro ponto interessante nesses recortes é o uso da ofensa “viado” como ferramenta de interpelação ideológica. Fazemos essa reflexão tomando como apoio Modesto (2018b), que ao analisar o grito da palavra “Negra”, no poema-performance *Me Gritaron Negra*, de Victoria Santana Cruz, analisou a relação da interpelação ideológica com a denúncia, na medida em que “Negra!” funcionava como uma ferramenta de convocação para que Victoria reconhecesse a si como negra se articulava à tentativa de fazê-la confrontar com o racismo em forma de denúncia. Assim também, Madame Satã, homem gay negro, que desde o início do embate havia sofrido diversas ofensas, foi confrontado com o grito “viado!”, interpelação ideológica que o convoca a colocar-se como viado, o que foi feito por meio da resistência ao efeito de subordinação à pejoratividade, desafiando o lugar de inferioridade onde José queria submetê-lo, rejeitando o insulto e fazendo uso da sinonímia para significá-lo como lugar sobre onde é possível demarcar espaço de luta.

Além disso, no enunciado de Madame Satã, há de se pontuar uma suposta contradição: “eu sou bicha porque eu quero!” apela para o contraponto entre dois dizeres sobre homossexualidade: i) a homossexualidade como condição necessária do sujeito homo; ii) a homossexualidade como uma faculdade sobre a qual se escolhe exercer. O primeiro dizer circula em grupos mais progressistas, os quais se esquivam do “dizer da escolha” por entenderem que suas identidades sexuais não são coisas sobre as quais se pode escolher ser, mas que, como qualquer sexualidade, agencia os desejos imanes a todo e qualquer sujeito.

O segundo dizer é veiculado em espaços conservadores que, ao considerarem a heterossexualidade como sexualidade absoluta e original, primária, assume sobre sexualidades dissidentes o *status* de outro, encarando-as como escolhas. Esse contraponto é estabelecido na enunciação, levando em conta *quem* fala, um homem negro gay que fez da sua vida um espaço de luta, e o que foi dito. Essa suposta contradição representa o caráter interdiscursivo das formações discursivas.

[...] o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e

independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2014, p. 149, grifos do autor).

Nesse sentido, pode-se dizer que uma formação discursiva é constituída por outras com as quais se entrecruzam e que essa suposta contradição nada mais é que o aparecimento desse entrecruzamento. Assim, Madame Satã, indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia, mobiliza sentidos de uma formação discursiva progressista, a qual é forjada na relação entre outras formações discursivas que o constroem como sujeito de dizeres heterogêneos. A enunciação de Satã borra, ainda, a relação equivocada entre corpo, gênero e desejo catalisada por uma formação discursiva conservadora. Satã é gay, mas isso não faz dele menos homem, não qualifica e quantifica sua masculinidade. Ele é gay. Ele é homem. Ele é o resultado de seus gestos de identificação. É uma subjetividade possível, viável, dissidente, prenhe de contradição. Satã, ainda, é uma corporeidade que tensiona, em si, em seus gestos performativos, a concretude material dos sentidos de gênero, de sexualidade e de raça.

O confronto entre essas duas posições-sujeito tem seu momento finalizado após José, além de agredir Madame Satã fisicamente, encerrar suas palavras, outra vez aos gritos, dizendo:

Imagem 8 - “Crioulo”



Fonte: Filme *Madame Satã* (2002)

(01:26:15 a 01:26:23)

SD 11: *É assim mesmo! É por causa de um crioulo como você que esse lugar tá nessa merda!*

Essa enunciação apresenta o caráter de denúncia envolvido na interpelação ideológica. A nomeação de Madame Satã como “crioulo” reafirma o lugar de suposta autoridade de onde José enuncia, pois, na história do Brasil colonial, esse substantivo era utilizado para designar

filho de pessoas negras escravizadas (FREIRE, 2004, p. 11). Desse modo, ao convocar Satã ao reconhecimento de si como “crioulo”, José o reduz ao resultado de um longo e violento processo de escravidão, tratando como ousadia sua condição de sujeito ativo das ações subversivas realizadas na Lapa, como se, enquanto homem negro, Satã não tivesse o direito de viver sua própria vida sem que ela fosse definida e determinada pela normatividade. Além disso, sendo José uma pessoa inscrita numa posição social de prestígio, que criminaliza e inferioriza outras existências, arriscamos a dizer que a “merda” a qual ele se refere nada mais é que a pluralidade de identidades circulantes no espaço, uma vez que sua concepção de higiene está relacionada às existências ideais para a hegemonia: brancas, cis, heterossexuais. Uma referência, portanto, ao próprio Madame Satã e seus semelhantes.

### **Considerações finais**

Ao longo trabalho, vimos a importância de considerar, ao pensar a posição-sujeito homem negro gay, o entrecruzamento das discursividades de gênero, raça e sexualidade que a constitui. Essas intersecções comparecem na produção fílmica *Madame Satã* (2002) a ponto de estabelecer nesse material simbólico um processo de constituição de sentidos estruturado pela interpelação ideológica.

Madame Satã, homem negro gay, borrou os sentidos normativos de gênero relacionados aos de raça e sexualidade a ponto de ter gerado incômodo a respeito de sua existência. E a partir do que deveria ser uma ofensa, “Viado”, para Madame Satã, foi lugar sobre onde é possível marcar resistência, traçando um caminho de reafirmação de sua subjetividade entremeada pelos sentidos de gênero, raça e sexualidade.

A partir do questionamento que contestava identidade, foi preciso, para atender à convocação, que fosse trilhado um caminho de reflexão sobre quem se é, resultando em processos de ressignificação e demarcação de espaços de luta a favor de uma existência desde sempre negligenciada pela hegemonia dos sentidos de gênero, raça e sexualidade. A masculinidade negra é forjada, nessa obra, pela subversão dos sentidos hegemônicos de gênero e sexualidade alinhados aos de raça. Através da materialização dos sentidos de gênero e sexualidade em não conformidade com as expectativas da concepção biologizante de corpo-gênero, numa formação social branco-cêntrica, nos corpos-subjetividades homem negro e gay, surgiram os gritos de autoafirmação e autodeterminação que constitui esse sujeito.



Finalmente, é preciso reiterar que o empreendimento deste trabalho se deu pela necessidade de nos inscrevermos e reafirmarmos em um lugar de luta teórica, lugar onde, através da ciência, é possível resistir. É num contexto sociopolítico em que apontam estudos e discussões sobre gênero, sexualidade e raça como tentativas de confundir, homossexualizar, satanizar pessoas, e várias outras práticas atribuídas aos estudos e existências que desafiam a norma, que se faz necessário manifestar-se politicamente. Numa conjuntura sociopolítica em que vilinizam, a ponto de ter que ser combatida a discussão sobre existências e experiências que foram, durante muito tempo, silenciadas e apagadas, faz-se necessário e urgente inscrever-se e manifestar-se num lugar de luta teórica e política.

## Referências

- AINOUZ, Karim. (Produtor/diretor). (2002). **Madame Satã**. [DVD]. Brasil: Lumière. 105 min.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p.19.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Jonis. Compadrio em uma freguesia escravista: Senhor Bom Jesus do Rio Pardo (MG) (1838-1888). **Anais...**, p. 1-24, 2016.
- LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes Editores, 1988.
- LINS, Anderson. **Subjetividades em trama, corpos em transe: os mo(vi)mentos de identificação de sujeitos transgêneros no entremeio dos sentidos de feminilidades e masculinidades**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.
- MODESTO, Rogério. **“Você matou meu filho” e outros gritos: um estudo das formas da denúncia**. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018a, p. 147.
- MODESTO, Rogério. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. **Revista Littera**, v. 9, n. 17, 2018b, p. 124-145.
- MODESTO, Rogério. **Os discursos racializados**. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–19, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em: 24 jan. 2023. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2>

Pedro Borges, Anderson Lins. No entremeio dos sentidos de gênero, raça e sexualidade: a construção discursiva da masculinidade negra gay em *Madame Satã* (2002).

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

Recebido em: 25 de janeiro de 2023

Aceito em: 17 de abril de 2023